

A palavra de Medeiros Ferreira

Por
**JOÃO
GONÇALVES**
Jurista



Começa hoje na Fundação Gulbenkian em Lisboa, prolongando-se até sexta-feira, a conferência José Medeiros Ferreira, o cidadão, o político e o historiador (www.josemedeirosferreira.com). Fui seu amigo desde os meus longínquos 18 anos até ao fim. Conto, aliás, alguma dessa “história” no depoimento que escrevi para o livro editado para a conferência, José Medeiros Ferreira, A Liberdade Interventiva, Tinta-da-China, 2015.

A palavra de Medeiros faz falta neste turbilhão de lugares-comuns em que mergulhámos. Sobretudo quando se discute, em geral mal e superficialmente, a Europa, o seu futuro e nós nela.

É, para recorrer ao título da sua derradeira obra, uma história (mal)dita que a semântica débil dos contos para crianças dificilmente entenderá. Cito-o. “A segurança de Portugal, como de outros países europeus, passa por um entendimento internacional sobre as ‘dívidas soberanas’.

Caso contrário assistiremos ao desmantelamento dos serviços públicos do Estado desde a Península Ibérica à Península Balcânica.

Até o relatório da OCDE sobre Portugal [de 2013], na sua III Parte, chama a atenção para este risco, propondo a robustez e a capacidade efectiva dos serviços públicos.

O maior perigo que espreita a República Portuguesa é mesmo o

da alienação da sua vontade de participar activamente na política internacional, no exacto momento em que os mecanismos próprios do sistema financeiro mundial e do funcionamento actual da UE tendem a anular os interesses de países como Portugal.

Ora, a sociedade portuguesa só pode vencer esse desafio com uma política externa própria e activa. E sem novas ilusões sobre qualquer Mapa Cor-de-Rosa que o prolongamento das dificuldades tem tendência a suscitar”.

Tenho saudades do Medeiros, das nossas conversas, da sua intuição irónica, da presença forte num espaço público com pouco espaço para a liberdade de espírito. Até porque Medeiros Ferreira não apreciava os “espíritos neutros e mornos” a que Dante aludiu “nos diversos círculos do Inferno que criou”.

O autor escreve segundo a antiga ortografia